



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ODONTOLOGIA



GEOVANNA MODESTO DE PAULA FERNANDES

PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS EM ODONTOLOGIA SOBRE O ATENDIMENTO A
PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO DE LITERATURA

Uberlândia

2026

GEOVANNA MODESTO DE PAULA FERNANDES

PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS EM ODONTOLOGIA SOBRE O ATENDIMENTO A
PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Odontologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Odontologia

Orientadora: Profa. Dra. Danielly Cunha Araújo
Ferreira de Oliveira

Uberlândia

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Comissão Permanente de Supervisão dos Trabalhos de Conclusão
de Curso da Graduação em Odontologia

Av. Pará, 1720, Bloco 4LA, Sala 42 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3225-8116 - tcc@foufu.ufu.br



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Odontologia				
Defesa de:	Trabalho de Conclusão de Curso II - FOUFU 31003				
Data:	30/06/2026	Hora de início:	17h	Hora de encerramento:	17h50
Matrícula do Discente:	12211ODO060				
Nome do Discente:	Geovanna Modesto de Paula Fernandes				
Título do Trabalho:	Percepção dos graduandos em Odontologia sobre o atendimento a pacientes com transtorno do espectro autista: Revisão de literatura				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?		(X) Sim () Não			

Reuniu-se na Sala de Aula nº 31, Vila Digital, da Faculdade de Odontologia, Bloco 4L anexo A, último andar, Campus Umuarama, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Odontologia, composta pelas professoras doutoras: **Ana Paula Turrioni Hidalgo** (FOUFU); **Fabíola Galbiatti de Carvalho Carlo** (FOUFU); e **Danielly Cunha Araújo Ferreira de Oliveira** (FOUFU) - orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos, a presidente da Banca examinadora, Prof.^a Dr.^a **Danielly Cunha Araújo Ferreira de Oliveira**, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, além de agradecer a presença do público e concedeu à discente a palavra, para a exposição do seu trabalho.

A seguir, a presidente da Banca concedeu a palavra, pela ordem, sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca Examinadora, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

(X) Aprovada

OU

() Reprovada

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata, que após lida, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Danielly Cunha Araujo Ferreira de Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/06/2026, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Turrioni Hidalgo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/06/2026, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabiola Galbiatti de Carvalho Carlo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/06/2026, às 17:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7423783** e o código CRC **0323258F**.

Referência: Processo nº 23117.041239/2026-75

SEI nº 7423783

Dedico este trabalho à minha família, especialmente aos meus pais, pelo apoio, incentivo e compreensão ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, sem os quais esta conquista não teria sido possível. A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, registro minha sincera gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela força, sabedoria e perseverança concedidas ao longo de minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais, pelo amor, apoio e confiança que tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas, pelo incentivo, pela compreensão e pelos momentos de aprendizado compartilhados.

À minha orientadora, Profa. Dra. Danielly Cunha Araújo Ferreira de Oliveira, pela paciência, dedicação e valiosas orientações ao longo de todas as etapas deste TCC.

A todas as pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho, registro minha sincera gratidão.

"Cuidar vai além da técnica: é enxergar, compreender e respeitar cada ser como único, aprendendo com ele a cada gesto."

– Desconhecido

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que pode impactar a comunicação, a interação social e o comportamento dos indivíduos, repercutindo diretamente na saúde bucal e na complexidade do atendimento odontológico. Este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão de literatura narrativa, a percepção de estudantes de Odontologia em relação ao atendimento a pacientes com TEA, considerando os desafios formativos e clínicos envolvidos nesse processo. A literatura evidencia que esses pacientes apresentam particularidades motoras, sensoriais e comportamentais que exigem do cirurgião-dentista habilidades específicas de manejo clínico e de adaptação do ambiente. No entanto, os estudos analisados apontam que estudantes e profissionais frequentemente relatam insegurança e sensação de despreparo para o atendimento dessa população, o que está associado principalmente às lacunas na formação acadêmica e à limitada vivência prática durante a graduação. Apesar disso, observa-se interesse dos estudantes em aprimorar seus conhecimentos e desenvolver competências na área, destacando a importância de estratégias de capacitação. Nesse contexto, programas de treinamento e metodologias de ensino aplicadas demonstram potencial para melhorar o preparo profissional e favorecer o desenvolvimento de habilidades clínicas e comportamentais. Conclui-se que o fortalecimento da formação acadêmica em Odontologia é fundamental para qualificar o atendimento de pacientes com TEA e reduzir as inseguranças dos futuros profissionais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; odontologia; saúde oral; estudantes de odontologia; educação em odontologia

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that can affect communication, social interaction, and behavior, directly impacting oral health and increasing the complexity of dental care. This study aimed to analyze, through a narrative literature review, dental students' perceptions regarding the care of patients with ASD, considering the educational and clinical challenges involved in this process. The literature shows that these patients present motor, sensory, and behavioral particularities that require specific clinical management skills and environmental adaptation by dental professionals. However, the studies analyzed indicate that students and dentists frequently report insecurity and a lack of preparedness to treat this population, mainly associated with gaps in academic training and limited practical experience during undergraduate education. Despite this, students demonstrate interest in improving their knowledge and developing competencies in this area, highlighting the importance of training strategies. In this context, educational programs and applied training methodologies have shown potential to improve professional preparedness and enhance clinical and behavioral skills. It is concluded that strengthening dental education is essential to improve the care provided to patients with ASD and to reduce professional insecurity.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; dentistry; oral health; dental students; dental education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TEA	Transtorno do Espectro Autista
DSM-5	O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5. ^a edição
PECS	Sistema de comunicação por troca de figuras
ABA	Análise do Comportamento Aplicada
TEACCH	Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação
IES	Instituições de ensino superior
PNE	Pacientes com necessidades especiais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OBJETIVO.....	12
REVISÃO DE LITERATURA	13
DISCUSSÃO	18
CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS	21

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações na comunicação e na interação social, além da presença de padrões comportamentais restritos e repetitivos. Por se tratar de um espectro, suas manifestações podem variar amplamente entre os indivíduos, assim como o grau de comprometimento e a necessidade de suporte ao longo da vida (1,2).

A condição apresenta maior prevalência no sexo masculino e seus primeiros sinais costumam surgir ainda nos primeiros anos de vida, sendo frequentemente identificados até os três anos de idade (1,3,4). O diagnóstico é realizado de forma clínica, considerando o histórico de desenvolvimento e as características comportamentais observadas, de acordo com critérios estabelecidos por sistemas internacionais de classificação (1,5).

As características do TEA podem influenciar diferentes aspectos da vida do indivíduo, incluindo sua saúde geral e saúde bucal. Nesse sentido, a manutenção da saúde bucal é essencial para funções como mastigação, fonação e estética, além de contribuir para o bem-estar e a qualidade de vida da população (1,2)

Entretanto, pessoas com TEA frequentemente apresentam desafios relacionados à higiene bucal, às alterações sensoriais e à adaptação ao ambiente odontológico. Esses fatores podem dificultar a realização dos cuidados diários e do tratamento odontológico, favorecendo o desenvolvimento de agravos bucais e comprometendo a assistência à saúde (6,7,8,9).

O atendimento odontológico desses pacientes exige adaptações específicas, tanto no ambiente clínico quanto nas estratégias de comunicação e manejo comportamental utilizadas pelo profissional (1,10). Apesar dos avanços observados na literatura sobre o tema, muitos cirurgiões-dentistas ainda relatam dificuldades para conduzir esse atendimento de forma segura e eficaz. Parte dessas dificuldades pode estar relacionada à formação acadêmica, especialmente quando há pouca vivência prática e limitada abordagem do tema durante a graduação (11,12).

Embora o número de pesquisas relacionadas ao atendimento odontológico de pacientes com TEA tenha aumentado nos últimos anos, estudos apontam que ainda existem fragilidades na formação dos futuros profissionais. A escassez de experiências clínicas e o preparo insuficiente para lidar com as particularidades desses pacientes podem contribuir para sentimento de insegurança e limitar a aplicação de estratégias adequadas de atendimento. Assim, torna-se relevante compreender como os estudantes de Odontologia percebem sua formação e seu preparo para atuar nesse contexto (12).

A análise dessa percepção pode fornecer informações importantes sobre possíveis limitações curriculares e auxiliar na proposição de melhorias para a formação profissional. Dessa forma, investigar o preparo dos graduandos para o atendimento de pacientes com TEA contribui para a discussão de estratégias que favoreçam uma assistência odontológica mais qualificada e ampliem o acesso dessa população aos serviços de saúde bucal.

OBJETIVO

Avaliar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, a percepção dos estudantes de graduação em Odontologia acerca do atendimento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificando as principais dificuldades relatadas, o nível de preparo técnico dos graduandos e o impacto das matrizes curriculares na segurança profissional para esse atendimento.

REVISÃO DE LITERATURA

Definição, Diagnóstico e Prevalência

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações na comunicação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses. Trata-se de um espectro clínico, o que significa que suas manifestações variam em intensidade e apresentação entre os indivíduos, podendo ir desde formas mais leves até quadros que exigem maior suporte ao longo da vida (1,2).

As manifestações clínicas do TEA incluem, geralmente, dificuldades na interação social, prejuízos na comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos e rigidez de rotina, além de hipersensibilidades sensoriais a estímulos como sons, luzes e toque. Essas características podem impactar diretamente o funcionamento dos indivíduos em diferentes contextos, incluindo o ambiente de saúde (3,13). Diante das características clínicas e comportamentais do TEA, tais particularidades podem repercutir diretamente nas condições de saúde dos indivíduos, especialmente no que se refere aos hábitos de higiene e ao cuidado com a saúde bucal (1,2,7).

O TEA acompanha o indivíduo ao longo de toda a vida, manifestando-se desde a infância, com variações na intensidade e no nível de suporte necessário. O diagnóstico do TEA é clínico, baseado na observação do comportamento e do desenvolvimento do indivíduo, sendo realizado por equipe multiprofissional com base nos critérios estabelecidos pelo DSM-5, não havendo exames laboratoriais específicos para sua identificação. As causas são consideradas multifatoriais, envolvendo fatores genéticos e ambientais associados ao desenvolvimento neurológico (1,5). Além disso, observa-se prevalência do transtorno no gênero masculino, com início geralmente até o terceiro ano de vida (3,4,10).

Manejo Comportamental dos pacientes com TEA

No que se refere à saúde bucal, indivíduos com TEA podem apresentar maior suscetibilidade as condições do ambiente odontológico em decorrência de fatores sensoriais, comportamentais e fisiológicos. Dentre esses fatores, pode-se destacar a hipersensibilidade tátil, a dificuldade de coordenação motora, a seletividade alimentar e o uso de medicamentos, como psicotrópicos e anticonvulsivantes, os quais podem estar associados à redução do fluxo salivar.

Esse conjunto de elementos podem comprometer a manutenção adequada da higiene bucal e, consequentemente, aumentar o risco de desenvolvimento de cárie dentária, doença periodontal, bruxismo e má oclusão (1,6,7,8,9).

Portanto, é fundamental que os cirurgiões-dentistas estejam preparados para o atendimento desses pacientes, considerando suas particularidades sensoriais, de comunicação e comportamentais (8,9). Dessa forma, estratégias específicas são necessárias para minimizar essas dificuldades e favorecer um atendimento odontológico mais adequado e humanizado (10,11).

Visando minimizar as dificuldades encontradas no atendimento odontológico de pacientes com TEA, diferentes estratégias de manejo clínico e comportamental podem ser adotadas, auxiliando na adaptação do ambiente e na condução do atendimento. O manejo odontológico desses pacientes pode ser organizado de forma progressiva, iniciando-se ainda na fase de planejamento do atendimento. Inicialmente, destaca-se a importância da realização de uma anamnese completa, investigando as condições médicas, o uso de medicamentos, as preferências do paciente, as formas de comunicação e as experiências prévias relacionadas ao atendimento odontológico, incluindo condicionamento e sedação. Além disso, deve-se elaborar um planejamento individualizado, considerando as preferências, limitações e particularidades de cada paciente (4).

Recomenda-se também que o agendamento seja realizado em horários e dias fixos, e que o tempo de espera seja reduzido, preferencialmente não ultrapassando 15 minutos, favorecendo a previsibilidade e a criação de rotina, o que pode contribuir para a redução da ansiedade e evitar desconfortos em pacientes com TEA (4,9,13). Antes do início dos procedimentos clínicos, a familiarização do paciente com o ambiente odontológico, por meio de visitas prévias ao consultório, pode contribuir para a adaptação ao atendimento e melhorar a colaboração durante os procedimentos (10,11,8).

Em um segundo momento, torna-se fundamental a adaptação do ambiente clínico, com a redução de estímulos sensoriais, como ruídos e luminosidade excessiva, além da organização do espaço físico de forma adequada às necessidades do paciente (4,11,8). Posteriormente, durante a realização dos procedimentos, podem ser utilizadas estratégias de comunicação e manejo comportamental, como o uso de instruções simples e objetivas, demonstrações visuais, musicoterapia e recursos imagéticos, a fim de favorecer a colaboração do paciente durante o atendimento odontológico (4,10, 8,9).

Dentre as estratégias de manejo comportamental utilizadas no atendimento odontológico de pacientes com TEA, destacam-se o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), a técnica do dizer-mostrar-fazer, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o reforço positivo, a técnica de distração, o método TEACCH, as adaptações sensoriais, o trabalho multidisciplinar, o controle da voz e técnica de estabilização protetora e a aromaterapia. Tais estratégias contribuem para a redução da ansiedade, favorecem a adaptação ao ambiente odontológico e promovem maior cooperação do paciente durante o atendimento clínico (4,11,14,9).

Em situações em que as estratégias de manejo comportamental não são suficientes para garantir a cooperação do paciente com TEA durante o atendimento odontológico, podem ser adotadas abordagens farmacológicas. Tais como, sedação consciente por inalação de óxido nitroso associado ao oxigênio (2,13) e a anestesia geral, realizada exclusivamente em ambiente hospitalar e sob responsabilidade de equipe especializada, sendo considerada uma alternativa terapêutica de última instância (11,6,2).

Apesar dessas possibilidades terapêuticas, no contexto do manejo odontológico de pacientes com TEA, familiares ainda relatam enfrentar dificuldades significativas quando há ausência de atendimento odontológico adequado ou quando os métodos convencionais de tratamento não são suficientes para atender às necessidades desses pacientes (15). Esses achados evidenciam que, mesmo com a existência de diferentes estratégias de manejo clínico, ainda persistem barreiras relevantes para a oferta de um cuidado adequado a essa população.

Percepção do Atendimento Odontológico

Diante das dificuldades ainda existentes no atendimento odontológico de pacientes com TEA, destaca-se a necessidade de formação e capacitação dos cirurgiões-dentistas, visando a melhoria da qualidade do cuidado ofertado a essa população (16,9,2,13).

Em relação à formação dos cirurgiões-dentistas, observa-se que ainda existem lacunas na graduação quanto ao preparo para o atendimento de pacientes com TEA, especialmente no que se refere à integração entre conhecimentos teóricos e experiências práticas. A literatura aponta que a ausência ou insuficiência de disciplinas e atividades clínicas voltadas a pacientes com necessidades especiais pode contribuir para a insegurança profissional e para dificuldades no manejo desses casos durante a prática odontológica (16,12).

Nesse contexto, destaca-se que ainda há ausência de disciplinas obrigatórias e de atividades práticas sistematizadas voltadas a esse público em diversas instituições de ensino, o que pode estar relacionado a lacunas na formação acadêmica dos estudantes e, conseqüentemente, à menor capacitação profissional para o atendimento desse grupo (17). Dessa forma, os autores defendem a necessidade de reestruturação dos currículos de Odontologia, com a inclusão de disciplinas obrigatórias e a ampliação de projetos de extensão, visando à melhor preparação dos estudantes para o atendimento dessa população (12,18).

Estudos realizados com graduandos de Odontologia demonstram que, embora os estudantes apresentem conhecimento teórico sobre a definição do TEA, ainda há insegurança quanto à aplicação desse conhecimento no contexto clínico odontológico (19). Apesar disso, observa-se interesse significativo em aprofundar o tema e em receber maior capacitação para o atendimento de pacientes com TEA, o que evidencia uma demanda formativa ainda não plenamente atendida pelas instituições de ensino (20). Esse interesse também é evidenciado em pesquisas com graduandos, nas quais 74,7% dos participantes relataram interesse em se aperfeiçoar no manejo odontológico de pacientes com TEA (21), enquanto 88,07% dos entrevistados demonstraram interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre o tema (19).

Além disso, pesquisas apontam a existência de variações na carga horária destinada ao ensino de pacientes com necessidades especiais entre Instituições de Ensino Superior (IES), com diferenças expressivas entre cursos públicos e privados, sendo observada uma média maior nos cursos privados. Essa discrepância pode resultar em diferentes níveis de preparo entre os egressos, impactando diretamente a uniformidade da formação profissional (17).

Outro aspecto relevante refere-se à percepção dos estudantes quanto à necessidade de maior preparo técnico e prático, especialmente em relação ao manejo do ambiente clínico, ao controle de estímulos sensoriais e às estratégias de abordagem comportamental. Muitos discentes relatam não se sentirem preparados para a prática clínica com esses pacientes, o que reforça a importância da inserção de experiências práticas durante a graduação (21,22,16).

Nesse sentido, evidencia-se que, embora exista a oferta de especializações na área de pacientes com necessidades especiais (PNE), ainda há insuficiência de profissionais habilitados em número adequado para atender à demanda assistencial existente. Além disso, a literatura sugere que a limitada exposição a conteúdos e práticas relacionadas ao atendimento de PNE durante a graduação pode contribuir para a insegurança dos estudantes, o que pode influenciar a menor busca por formação complementar na área. Esse cenário reforça a importância da formação ainda no nível de graduação (20).

Com evidências de estratégias formativas eficazes, estudos relatam que intervenções de treinamento remoto voltadas ao desenvolvimento de habilidades comportamentais em estudantes e profissionais da saúde demonstram melhora significativa na capacidade de manejo de pacientes com comportamentos desafiadores. Os resultados indicam que tais habilidades foram aplicadas no contexto clínico, evidenciando a efetividade e a aplicabilidade da metodologia (22).

Dessa forma, esses treinamentos mostram-se viáveis e escaláveis, podendo ser incorporados à formação acadêmica como estratégia de qualificação profissional. Conclui-se que intervenções educativas estruturadas contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências clínicas e comportamentais, favorecendo a realização de atendimentos odontológicos mais humanizados, seguros e resolutivos (23).

DISCUSSÃO

Os estudos analisados demonstram que o TEA, enquanto condição do neurodesenvolvimento, apresenta características que impactam diretamente a comunicação, a interação social e o comportamento dos indivíduos, o que pode repercutir significativamente na saúde bucal. As dificuldades relacionadas à higiene oral, associadas às alterações sensoriais e comportamentais, podem comprometer a manutenção adequada da saúde bucal desses pacientes (1,2,7). Além disso, observa-se que o uso frequente de medicamentos em indivíduos com TEA pode estar associado à redução do fluxo salivar, contribuindo para quadros de xerostomia e aumentando a predisposição ao desenvolvimento de condições como cárie dentária, doença periodontal e alterações oclusais (6,7).

Considerando essas particularidades, o cirurgião-dentista assume papel importante na promoção da saúde bucal, tanto no acompanhamento clínico quanto na orientação de familiares e cuidadores quanto à importância da prevenção e da introdução precoce ao atendimento odontológico, favorecendo a adaptação do paciente ao ambiente clínico (6). Contudo, a literatura aponta que o atendimento a esses pacientes ainda representa um desafio significativo na prática odontológica, exigindo do profissional habilidades específicas de manejo clínico e adaptação do ambiente (10,11). Nesse sentido, a complexidade do atendimento demanda maior capacitação e preparo técnico dos cirurgiões-dentistas, a fim de possibilitar uma conduta mais segura e eficaz.

Estudos demonstram elevados níveis de insegurança entre estudantes e cirurgiões-dentistas no atendimento a pacientes com TEA, com percentuais variando entre 55% e 58% (16,20). Além disso, evidenciou-se uma elevada percepção de falta de preparo para o atendimento desse público, atingindo 93,18% dos participantes (19). Esse achado sugere que, apesar das diferenças entre instituições de ensino, a insegurança profissional se mantém como um fator consistente na literatura, evidenciando fragilidades no processo de formação acadêmica na área. Dessa forma, a complexidade do atendimento, associada à limitada vivência prática durante a graduação, contribui diretamente para a insegurança relatada.

A formação em Odontologia apresenta variações significativas entre instituições, especialmente no que se refere à carga horária e à oferta de disciplinas voltadas ao atendimento de pacientes com necessidades especiais. Essa discrepância curricular influencia o nível de preparo dos egressos, resultando em diferentes níveis de confiança e habilidade clínica (17). Assim, a literatura sugere que a ausência de vivência prática e de exposição precoce ao atendimento de pacientes com TEA durante a graduação pode contribuir para a insegurança

profissional, uma vez que o contato prévio favorece o desenvolvimento de habilidades técnicas e comportamentais, além de despertar o interesse dos graduandos em se especializar na área (16,20).

Observa-se também que a literatura evidencia uma baixa proporção de profissionais devidamente capacitados para o atendimento a pacientes com TEA, o que reforça a necessidade de fortalecimento da formação acadêmica e ampliação de oportunidades de aprendizado nessa área (16,20). Diante das lacunas identificadas na formação acadêmica e da necessidade de maior preparo dos profissionais para o atendimento de pacientes com TEA, torna-se essencial o fortalecimento de estratégias de capacitação durante a graduação, incluindo a inserção e ampliação de conteúdos práticos na matriz curricular dos cursos de Odontologia.

Dessa forma, o fortalecimento da formação acadêmica em Odontologia, com ênfase no atendimento a pacientes com Transtorno do Espectro Autista, mostra-se fundamental para a melhoria da qualidade da assistência prestada. A ampliação da vivência prática durante a graduação e o desenvolvimento de estratégias formativas específicas podem contribuir para maior preparo profissional, redução da insegurança clínica e ampliação do acesso à saúde bucal por essa população.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o atendimento odontológico de pacientes com TEA é desafiador. Nesse contexto, a percepção de estudantes de Odontologia em relação ao atendimento odontológico é marcada predominantemente por insegurança e baixa confiança e sensação de despreparo. Essa percepção está diretamente relacionada às fragilidades na formação acadêmica, especialmente pela limitada dificuldade de aplicação dos conhecimentos teóricos na prática odontológica durante a graduação e pela abordagem insuficiente do tema nos currículos dos cursos de Odontologia.

Dessa forma, o fortalecimento da formação acadêmica, com maior integração entre teoria e prática e inserção de estratégias de capacitação voltadas ao atendimento de pacientes com TEA, mostra-se fundamental para modificar positivamente a percepção dos estudantes e qualificar a futura atuação profissional. Ademais, recomenda-se a realização de estudos de campo que avaliem o impacto direto de mudanças curriculares na autoconfiança de egressos, visando consolidar estratégias de ensino mais resolutivas.

REFERÊNCIAS

- 1) Rafael CS, Pereira BL, Pedro J, Souza DP, Madeiro GC, Souza PLM, et al. Atendimento odontológico a pacientes especiais: abordagem do cirurgião-dentista frente a pacientes com transtorno do espectro autista (TEA). *Braz J Implantol Health Sci*. 2024;6(9):1723-30. doi: 10.36557/2674-8169.2024v6n9p1723-1730.
- 2) Lima VAP, Miranda ML. Principais dificuldades no atendimento odontológico de pacientes com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. *Res Soc Dev*. 2024;13(12):e44131247612. doi: 10.33448/rsd-v13i12.47612.
- 3) Lopes CS, Santos EF, Oliveira GL, Silva MR, Pereira AL, Santos JW, et al. Atendimento odontológico à criança com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. *Res Soc Dev*. 2022;11(7):e1011729497. doi: 10.33448/rsd-v11i7.29497.
- 4) Troiani MMB, Arid J. Atendimento de pessoas autistas na odontologia: uma revisão de literatura. *Rev Cient Unilago* [Internet]. 2024 [cited 2026 Apr 18];1(2). Available from: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1126>
- 5) American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5. 5th ed. Arlington (VA): American Psychiatric Publishing; 2014.
- 6) Amaral COF, Malacrida VH, Videira FCH, Parizi AGS, Oliveira A, Straioto FG. Paciente autista: métodos e estratégias de condicionamento e adaptação para o atendimento odontológico. *Arch Oral Res*. 2012;8(2):143-51.
- 7) Ferreira SS, Rocha TP, Araújo LMS. Manejo odontológico de crianças com transtorno do espectro autista. *Rev Cient Unilago* [Internet]. 2023 [cited 2026 Apr 18];2(2). Available from: <https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/5049>
- 8) Paiva ACA, Oscar AKN, Paula ALC, Guimarães MS, Dalmasio SLD, Souza ACRA. Pacientes odontopediátricos com transtorno do espectro autista (TEA): desafios e estratégias do manejo odontológico. *Rev Multidiscip*. 2026;39(1):1-20.
- 9) Bulhões AVS, Abreu CCG. Técnicas de manejo na odontopediatria em pacientes com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. *Rev Ibero-Am Humanit Cienc Educ*. 2023;9(10):336-45. doi: 10.51891/rease.v9i10.11610.

- 10) Freitas VPS, Jardim LC. Ferramenta educativa para o ensino odontológico: cartilha sobre o atendimento a crianças com transtorno do espectro autista. *Cognitus Interdiscip J.* 2025;2(3):810-9. doi: 10.71248/2hjnrp48.
- 11) Santana ML, Leite GJF, Martins MA, Palma ABO, Oliveira CO, et al. Pacientes autistas: manobras e técnicas para condicionamento no atendimento odontológico. *Rev Extens Soc.* 2020;11(2). doi: 10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22820.
- 12) Silva TD, Santaella NG, Caminha RDG, Santos PS. Percepção de estudantes de graduação sobre a importância da disciplina odontologia para pacientes com necessidades especiais. *Rev ABENO.* 2020;20(1):26-32.
- 13) Araujo FS, Gaujac C, Trento CL, Amaral RC. Pacientes com transtorno do espectro autista e desafio para atendimento odontológico: revisão de literatura. *Res Soc Dev.* 2021;10(14):e496101422317. doi: 10.33448/rsd-v10i14.22317.
- 14) Barros RE, Pires FM, Arantes APF, Toledo LAP, Barbosa LV, Canevari R. Atendimento odontológico em crianças com transtorno do espectro autista. *Rev Multidiscip Nordeste Mineiro.* 2023;3(1):1-10.
- 15) Badrov M, Perkovic L, Tadin A. The impact of oral health on the quality of life of children with autism spectrum disorder and their families: parental perspectives from an online cross-sectional study. *Oral.* 2025;5(2):36.
- 16) FREITAS VPS de S de; JARDIM LC. Desafios no atendimento de pacientes com TEA: estudo transversal. *CIJ [Internet].* 10 nov. 2025 [citado 1 abr. 2026];2(3):820-847. Disponível em: <https://doi.org/10.71248/tzxvn983https://ojs.editoracognitus.com.br/index.php/revista/article/view/168>.
- 17) Lopes DF, Medeiros YL, Faria LV, Soares MRP. Odontologia para pacientes com necessidades especiais: como é a oferta dessa disciplina nas faculdades de odontologia do sudeste brasileiro. *Arq Odontol.* 2021;57:149-57.
- 18) Spezzia S. Ensino e aprendizagem da disciplina de pacientes especiais nos cursos de odontologia. *Rev Cienc Odontol.* 2022;6(1):109-13.
- 19) Araújo KSB. Análise da percepção dos estudantes do curso de odontologia da UFRN sobre o transtorno do espectro autista [monografia]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2014.
- 20) Silva NBS. Percepção e disponibilidade ao atendimento de pacientes com necessidades especiais por graduandos em odontologia no município de Fortaleza-CE [dissertação]. Fortaleza: Centro Universitário Christus; 2023.

- 21) Souza LDG, Sousa MAC, Braga MLA, Costa LED, Feitosa FSQ. Percepção dos cirurgiões-dentistas em relação à abordagem odontológica ao paciente com transtorno do espectro autista (TEA). HU Rev. 2024;50:1-10.
- 22) Boyer PKA. Conhecimento dos estudantes de 5º ano do mestrado integrado em medicina dentária do IUCS sobre a abordagem da criança com transtorno do espectro do autismo [dissertação]. Gandra: Instituto Universitário de Ciências da Saúde; 2022.
- 23) Matteucci M, Lerman DC, Boyle S, Tsami L. Remote training of dental students and professionals to promote cooperative behavior in patients with intellectual and developmental disabilities. J Dev Phys Disabil. 2023;35(1):59-79. doi: 10.1007/s10882-022-09844-x.